

## PONTO DE MEMÓRIA MUSEU DO TAQUARIL: SUA MEMÓRIA FAZ PARTE DESTA HISTÓRIA

Juliana Harumi Chinatti Yamanaka<sup>1</sup>

**Resumo:** Este trabalho tem como objetivo evidenciar as narrativas de atores sociais de uma comunidade periférica do território brasileiro, Taquaril – MG, constituídas no Ponto de Memória, com o intuito de compreender os processos de ressignificação, organização e socialização dessas histórias por meio da memória social presente na trama das vivências coletivas dos moradores. Posteriormente, trataremos a discussão das memórias das comunidades como mediação para corroborar a importância da história oral nas configurações sociais periféricas. Essas narrativas serão abordadas como fontes para apontar os processos dinâmicos da vida social em comunidades periféricas perpassando pelas redes de poderes, pela representação da memória e esquecimento e a interpretação histórica sobre as mudanças da vida social. Refletimos sobre a memória e suas dimensões individual, coletiva e social com base nos estudos desenvolvidos por Maurice Halbwachs (2006), Pierre Nora (1993), Le Goff (2003) e Paul Ricoeur (2007). Nesse sentido, temos compreendido que narrativas são traduzidas como atos de narrar e direcionar o olhar para o tempo presente e ou passado, cujos sentidos e significados são constituídos na representação dos atores sociais por meio da memória.

**Palavras-chave:** Memória social. Narrativas. Representação dos atores sociais.

## MEMORY POINT MUSEUM OF TAQUARIL: YOUR MEMORY IS PART OF THIS STORY

**Abstract:** This paper aims to highlight the narratives of social actors from a peripheral community in Brazilian, called Taquaril - MG, constituted at "Ponto de Memória", in order to understand the processes of reframing, organizing and socializing these stories through the social memory present in the plot of collective experiences of residents. Later, we will bring the discussion of the communities' memories as mediation to corroborate the importance of oral history in the peripheral social configurations. These narratives will be approached as sources to point out the dynamic processes of social life in peripheral communities going through the networks of powers, the representation of memory and forgetfulness and the historical interpretation of changes in social life. We reflect on memory and its individual, collective and social dimensions based on the studies developed by Maurice Halbwachs (2006), Pierre Nora (1993), Le Goff (2003) and Paul Ricoeur (2007). In this sense, we have understood that narratives are translated as acts of narrating and directing the gaze to the present and / or past time, whose meanings are constituted in the representation of social actors through memory.

**Keywords:** Social memory. Narratives. Representation of social actors.

---

<sup>1</sup> Professora no Instituto Federal de Brasília (IFB). É doutoranda em Linguística, da área de concentração Linguagem e Sociedade, com foco em Análise de Discurso Crítica, do Programa de Pós-Graduação da Universidade de Brasília (PPGL - UnB). É mestra em Linguística Aplicada (2013), licenciada em Letras (2009) e bacharela em Gestão de Políticas Públicas (2017) pela Universidade de Brasília.

*De longe eu vejo você.  
Constantemente vou lhe visitar.  
Pouco importa se é no B ou no A  
Eu vou a pé ou até de circular.  
Só quem mora sabe o que é lutar.  
Sobe as ladeiras sem reclamar.  
Olha pro céu e agradece a Deus  
pelo lugar que Ele te deu.  
Há quem disse que o Taquaril é o buraco do Brasil.  
Desconhece a história de um povo que o construiu.  
Abraçado pela Serra do Curral, cartão postal de BH.  
É tão lindo ver o sol nascer, em cada novo amanhecer.  
Taquaril... Ó pátrias mil! Taquaril... É meu  
Brasil Taquaril.*

*Anderson Santo*

## 1. Introdução

O interesse por temas que giram em torno das discussões da memória, suas representações e temáticas relacionadas à constituição identitária aumentou expressivamente, nos últimos anos, não só em textos acadêmicos, como também nas demandas sociais ocupando cada vez mais espaço em estudos contemporâneos das ciências humanas e sociais. Tais discussões apresentam-se como uma busca de configurações sociais pautadas em um fazer da memória associado a práticas culturais voltadas para o lembrar e o esquecer, que permitem a transmissão de significados entre gerações e trazem à tona o dever de justiça e a criação de políticas públicas de reparação às vítimas de injustiças.

Neste trabalho, buscamos investigar as representações dos atores sócias de comunidades periféricas, no que tange a memória como um direito e vontade política, por meio de narrativas, mais especificamente as questões de poder e de ideologia, presentes nos discursos de atores sociais no processo de consolidação do Programa Pontos de Memória e as maneiras como as pessoas envolvidas em eventos sociais desse *locus* o representam.

Neste trabalho refletimos sobre a memória e suas dimensões individual, coletiva e social com base nos estudos desenvolvidos por Maurice Halbwachs (2006), Pierre Nora (1993), Le Goff (2003) e Paul Ricoeur (2007).

## **2. O Programa Pontos de Memória**

O Programa configura-se como política pública construída a partir de discussões oriundas da museologia social e de um movimento, por parte do Estado, de reparar uma historiografia socialmente excludente e, principalmente, do entendimento, por parte dessas comunidades, da memória como vontade política. Além da forte atuação dos atores sociais nesse processo de relação de pertença territorial construído pelas narrativas populares periféricas, buscamos compreender de que forma as relações e caminhos assumidos por essas comunidades dialogam com uma nova forma de pensar os espaços de memória e museus comunitários a partir do lugar de grupos socialmente marginalizados tendo o Programa Pontos de Memória, desenvolvido pelo Instituto Brasileiro de Museus, como impulsionador na construção de uma rede entre essas comunidades por meio da percepção do que é ser um ponto de memória.

O Instituto Brasileiro de Museus, por meio do Programa Pontos de Memória, vinha trabalhando na consolidação de uma política pública de direito à memória, política essa pautada no diálogo e na participação com diferentes grupos e movimentos sociais que requerem maior reconhecimento de seus direitos humanos, sociais e culturais com o intuito de consolidar projetos relacionados à memória social no Brasil, cujo objetivo é atualizar e aperfeiçoar instrumentos gerenciais e técnico-operacionais voltados para a ampliação e consolidação das estruturas de apoio cognitivo e metodológico relativos ao campo museal para as comunidades que atuam com memória social no Brasil.

De acordo com seu site institucional, o Programa tem como o objetivo de apoiar ações e iniciativas de reconhecimento e valorização da Memória Social. Com metodologia participativa e dialógica, os Pontos de Memória concebem a memória de forma viva e dinâmica, como resultado de interações sociais e processos comunicacionais, os quais elegem aspectos do passado de acordo com as identidades e interesses dos componentes do grupo. Inicialmente, em

uma primeira fase, foram desenvolvidos 12 Pontos de Memória, situados em comunidades populares em diferentes cidades e estados do Brasil. No presente trabalho, abordaremos apenas uma comunidade, referente ao Ponto de Memória do Taquaril, em Belo Horizonte, Minas Gerais.

### **3. A Memória**

Episódios anônimos vivenciados por sujeitos, grupos familiares, sociais, comunitários, breves ações cotidianas configuram-se como elementos no processo de representação de um passado recente e também excluído da história ensinada nas escolas e apoiada unicamente em documentos oficiais. Esses episódios conformam as escolhas individuais e coletivas dos sujeitos históricos, localizados geograficamente e temporalmente no mundo. O processo de representação da história apoiada em documentos oficiais não é capaz de materializar sentimentos individuais que estão por trás desses episódios cotidianos, sendo por meio dos atores sociais envolvidos nesse processo, tais como a camada da população excluída dessa história oficial, que a palavra será tomada no intuito de narrar a possibilidade de projeção no futuro dos sujeitos. Ou seja, a forma como esses atores são representados e como se inscrevem na história por meio de processos de ressignificação dos direitos e papéis sociais a partir das suas narrativas.

Nesse sentido, a memória oral irá atuar como elemento constitutivo dessas ações cotidianas e será responsável por dar voz as camadas da população que estão à margem do processo de construção da história oficial. Existe uma força motriz de uma memória coletiva e social, evidenciada ideologicamente, sobre a memória individual no processo de recordar, por ser um campo de disputas, cabe-nos a tarefa de interpretar e articular tanto as lembranças quanto os esquecimentos dos diferentes sujeitos sociais que configuram esse processo dinâmico da vida social.

Responder o que é memória social não é algo passível de uma única definição, pois a memória irá comportar diversos sentidos, conforme os sujeitos

que a evocam, constituindo um território polissêmico e não unívoco. Se a memória social é polissêmica as concepções de memória individual e memória coletiva também apresentam variações em diferentes campos dos saberes. Halbwachs (2006) evidenciou a memória e as interações sociais entre os sujeitos e seu caráter coletivo para distinguir-se da esfera da memória individual. Os contornos das noções de memória individual, coletiva e social não são nítidos, assim, também não é fácil o privilégio de uma em detrimento de outra.

A memória é construída pelos sujeitos e grupos, sendo determinada em função dos anseios pessoais, sociais, políticos e por que não dizer do próprio presente, uma vez que será no tempo presente que esses anseios irão aflorar e determinar o que deve ser lembrado ou esquecido. A memória se desloca o tempo todo, ao mesmo tempo que se interroga ela é interrogada e desenvolve papel importante ao reforçar sentimentos de pertencimento e identidades.

As transformações socioculturais contemporâneas exigem novas configurações reflexivas e que encontram nas memórias elementos de reformulação e transformação social. Nunca as discussões da memória ganharam tanta expressão como nos últimos anos através de lugares e meios de memória, como bibliotecas, museus, arquivos, narrativas, histórias orais. Também configuram-se como alvo de diversas apropriações teóricas, dentre alguns autores que estudam a memória e suas configurações apontamos Jacques Le Goff (2003), Pierre Nora (1993), Paul Connerton (1999) e Paul Ricoeur (1996).

A memória individual é aqui entendida como constituída socialmente, uma vez que os mecanismos de evocação de lembranças são socialmente originados. A memória individual possui sua singularidade nos processos históricos de vida dos sujeitos que, por sua inserção nas relações sociais e sua posição social desvelam suas lembranças, esse processo é de caráter social, o que faz da memória individual também social.

O caráter coletivo da memória, conforme apresentado por Halbwachs (2006), no campo das interações sociais entre os sujeitos, deixa a entender que a memória é social. No entanto, chamamos a atenção para que a memória individual configura-se como uma manifestação singular do coletivo, sendo necessário perceber essa singularidade da memória individual, mesmo que sua constituição seja oriunda do social. A memória coletiva irá referir-se tanto à memória de todos os membros de uma determinada sociedade quanto a grupos sociais constituídos no seu interior.

O segundo caso se aproxima mais do proposto por Halbwachs, focalizada nos grupos sociais. As lembranças evocadas possuem mecanismos de seleção que são de caráter social, são eles: valores constituídos socialmente, sentimentos e desejos, pressões sociais e políticas, dentre outros. Dessa forma, sua constituição também será social, mesmo que ocorra com o indivíduo, possui elementos constitutivos dos grupos sociais. Nesse sentido, a memória social será compreendida como a consciência social que possui uma determinada sociedade.

Porém, as sociedades são divididas em classes sociais que criam seu processo seletivo a partir de sua própria constituição de valores e a manifestação da memória social será representada de forma reduzida e ligada as dinâmicas sociais de poder e ideologias. Assim, o processo de recordar de grupos sociais historicamente excluídos também se deve aos valores desses grupos que manifestam suas lembranças coletivas e expressão da sua memória social.

Entendemos a memória individual constituída socialmente e a memória social como manifestação coletiva de grupos sociais, seja de forma mais ampla ou por pequenos grupos. Ressaltamos a multiplicidade de memórias e seus conceitos e os diversos grupos sociais. Em um mesmo grupo social as lembranças podem ser manifestadas de forma diferenciada, não existindo a memória oficial, mas uma representação ou um olhar da memória. Pensar a representação da memória nas relações sociais é pensar que o passado possa ser tanto recordado como reinventado. Que a história ou histórias de um

sujeito, individual ou coletiva, pode ser a histórias das suas relações. Abre-se a possibilidade de que a memória possa ser criada e recriada, a partir de novos sentidos produzidos tanto para os sujeitos individuais quanto para os coletivos

Dessa forma, ao dizermos que grupos historicamente e socialmente marginalizados tomam a palavra no processo de ressignificação e tessitura das ações cotidianas, o fazemos por meio do entendimento que a memória social irá operar no processo de escolha dos acontecimentos no espaço e no tempo incididos de significados coletivos. Existe uma seletividade politicamente e ideologicamente marcada na memória social das classes e grupos sociais, uma vez que quando um acontecimento é evidenciado pela lembrança outro deixa de vir à tona. Como as classes e grupos sociais são diferentes em valores, por conseguinte suas lembranças também são diferentes. Essa diferenciação irá depender de diversos aspectos, mas irá existir em maior ou menor grau. Poderá ser vista com maior ênfase na esfera da divisão social de classes.

A existência das classes sociais se dá pela relação de dualidade antagônica, conseqüentemente essa diferença é perpassada por interesses e lutas. A classe social dominante, por sua posição social e hegemonia cultural, consegue impor as lembranças coletivas que são do seu interesse e reforçam as desigualdades. Nesse processo, cabe aos grupos socialmente excluídos, denominados de grupos periféricos, o papel de resistência, manifestada individualmente, com menos força, ou coletivamente, com mais força.

#### **4. A Comunidade do Taquaril**

Apresentaremos a comunidade do Taquaril, localizada na região leste da cidade de Belo Horizonte, no Brasil, a abordaremos como patrimônio histórico o qual os moradores tecem suas histórias e vivências como uma dinâmica trama de constituição de identidade territorial. A comunidade será abordada por meio das ações do Ponto de Memória Museu do Taquaril e da exposição “*Fios de Memórias: tecendo os primeiros passos*” no intuito de desvelar outra narrativa,

a não constituída por grupos dominantes, mas uma narrativa que surge no bojo das relações dos sujeitos que ali vivem, seus desejos, anseios e sonhos.

A história da comunidade do Taquaril vem sendo narrada pela trajetória de vida de seus moradores, seus afetos, saberes, conflitos e sonhos imbuídos pela conquista e efetivação do direito a memória e seu despertar como vontade política.

O Ponto de Memória Museu do Taquaril surgiu com um seminário realizado com as lideranças locais e comunidade no dia 28 de março de 2009. Tem como área de atuação os bairros Taquaril, Conjunto Taquaril e Castanheiras, localizados na cidade de Belo Horizonte – Minas Gerais. Desde 2009, os envolvidos com o ponto de memória traçam juntos um caminhar, num passo-a-passo constroem caminhos e estradas coletivamente, partilhados, de luta, resistência e de conquistas.

Além dos espaços físicos da comunidade existem também os espaços de significação, que compreende os afetivos, estéticos, sociais, históricos, entre outros. Ao se instituir a comunidade do Taquaril pelas ações do ponto de memória é este espaço que se coloca em gestão nas convergências de afetos, forças e recursos que criam uma espacialidade que vai adquirindo sentido e contornos desenhados pelas mãos construtoras de seus moradores. A concepção de território encontra-se pautada pela natureza simbólica das relações sociais, relações que ao ocorrerem num espaço vivido e reivindicado acabam por ressignificá-los constantemente.

Figura 1 - Vista da comunidade do Taquaril



Fonte: Wellington Pedro.

A cidade de Belo Horizonte foi inaugurada em 1897, não surgiu de ocupação espontânea de um espaço por um grupo de pessoas e que aos poucos foi virando cidade. A cidade mineira e atual capital foi projetada para existir de uma determinada maneira e sua construção deveria se dar por um traçado estabelecido pelo poder público. Isso não aconteceu e a cidade tomou outras proporções em sua constituição. A prefeitura criou, em 1983, unidades administrativas que ficaram conhecidas como regionais. Suas áreas foram definidas em lei no ano de 1985 e existem, atualmente, nove regionais na cidade, a saber: Barreiro, Centro Sul, Leste, Nordeste, Noroeste, Norte, Oeste, Pampulha e Venda Nova.

A comunidade do Taquaril está situada na região Leste de Belo Horizonte, denominada de “favela”, sua formação se deu pela aglomeração de pessoas sem recursos suficientes para adquirir um imóvel.

A antiga Fazenda Taquaril foi loteada em 1983, dando origem à Cidade Jardim Taquaril. Nessa área seria construído um condomínio de luxo, mas o relevo bastante acidentado do terreno inviabilizou o projeto. Foi quando o Centro de Ação Comunitária do Vera Cruz iniciou a luta para que a terra fosse

destinada aos sem-casa e à população carente. Foi assim que surgiu o bairro Taquaril. A Prefeitura autorizou a ocupação, mas os próprios moradores é que tiveram de iniciar a construção do bairro. Muitas mulheres assumiram as tarefas de aplinar o terreno com a enxada, levantar as paredes de suas casas e carregar as latas d'água dos córregos até o bairro. Por isso, a história de luta e resistência desse bairro é também uma história das conquistas femininas. (ARREGUY; RIBEIRO, 2008, p. 25).

## 5. As disputas discursivas sobre a memória de Taquaril

O processo de constituição da comunidade do Taquaril passa a ser noticiado nos principais meios de comunicação da capital mineira. As notícias vinculadas dão o tom de desorganização das ações e reforçam um estereótipo de comunidade periférica com os principais problemas estruturais característicos das formações de bairros que fugiam ao planejado inicialmente para Belo Horizonte. O Taquaril chegou a ser retratado pejorativamente na letra de música de uma banda musical mineira que dizia "*Taquaril, um buraco do Brasil*".

A construção de um discurso midiático que reforça uma imagem pejorativa do Taquaril é fundamental para que compreendamos as narrativas representadas sobre a vida e formação da comunidade. Ao rememorarem as lutas, conquistas e vivências os moradores que constituíram suas vidas nesse território trazem à tona lembranças sobre esses momentos, representam, por suas narrativas o sentido que está afetivamente ligado à forma como constituem as relações de pertença ao território, tanto físico, no entendimento de uma localização geográfica de terra, como simbólico, dos afetos e sentimentos que estão envolvidos no significado de ser morador do Taquaril.

A imagem abaixo representa olhares diferentes para uma mesma situação. A fotografia foi retirada de uma matéria do Jornal Hoje em Dia, de circulação em Belo Horizonte, que trazia a seguinte chamada: "*No Taquaril, um dos maiores bolsões de miséria de Belo Horizonte, carregar lata d'água é rotina; cerca de 40 mil pessoas da Capital não recebem água em casa,*

*segundo dados do Seminário sobre Saneamento*". A pintura é uma releitura do artista Gildásio Jardim e compõe o acervo do Ponto de Memória Museu do Taquaril sobre as lutas pela conquista da água. Na exposição "Fios de Memória: tecendo os primeiros passos" a pintura em tecido está acompanhada de uma reprodução da reportagem e da seguinte frase: "*No passado vejo crianças carregando água. Hoje essas crianças já são o presente. O presente de uma comunidade que lutou e continua lutando por melhorias e vem colhendo frutos de conquistas. No Taquaril, um dos melhores lugares para se viver, carregar lata d'água é memória, história e reconhecimento*".

Figura 2 - Obra do artista Gildásio Jardim anexada à foto da reportagem do Hoje em Dia.



Fonte: Acervo Ponto de Memória Museu do Taquaril.

Dessa forma, o processo de resignificação de uma identidade territorial da comunidade do Taquaril está ligado a forma como esses moradores encontraram, por meio de suas narrativas, de expressarem de onde partiram e o que precisaram fazer para sobreviverem frente a todo tipo de mazelas colocadas desde o seu início. As dificuldades iniciais e as lutas empreendidas para superá-las está presente na fala/memória de seus moradores, o que se torna cada vez mais evidenciado com a publicização das experiências vivenciadas por meio de um rememorar mobilizador.

O Ponto de Memória Museu do Taquaril, uma iniciativa comunitária desenvolvida em parceria com o poder público, por meio do Instituto Brasileiro

de Museus (Ibram), busca evidenciar um outro olhar da formação da comunidade a partir das vivências de seus moradores. Com o passar dos anos, o Taquaril passa por grandes transformações estruturais e sociais, assim, o que antes era necessidade de garantia de direitos básicos ganha outro direcionamento. O tempo é outro, as pessoas são outras, as necessidades são outras, mas o que permanece é a luta por melhorias. O Ponto de Memória Museu do Taquaril busca evidenciar a história da formação da comunidade por meio de ações que darão voz aos atores sociais comunitários.

A epígrafe que iniciamos este texto é a letra de uma música que ganhou o primeiro festival de música do Taquaril desenvolvido pelo ponto de memória. O autor, morador do entorno, retrata sua visão da comunidade enfatizando sua grandiosidade ao compará-la, em riquezas, com o Brasil o que é expresso pelo próprio nome da canção “Meu Brasil, Taquaril”.

Figura 3 - Garoto visitando o Ponto de Memória Museu do Taquaril



Fonte: Acervo Ponto de Memória Museu do Taquaril.  
Fonte: Wellington Pedro.

Desse modo, será na memória coletiva dos moradores do Taquaril, contada e recontada, que as ações de cada um terão significado e continuidade. As histórias das ruas, das casas e de seus moradores são rememoradas pelo olhar daqueles que às viveram no decorrer do tempo. As narrativas, tal quais os lugares de memória, são instrumentos importantes de preservação e transmissão das heranças identitárias, sob a forma de registros orais ou escritos são caracterizadas pelo movimento peculiar à arte de contar, de traduzir em palavras as reminiscências da memória e a consciência da memória no tempo.

Diferentes sujeitos que residem nesses espaços periféricos buscam expressar em forma de suas memórias o cotidiano das populações periféricas. Meu Brasil Taquaril como produto discursivo que une testemunho e memória, resultando um olhar diferenciado sobre lutas hegemônicas de comunidades periféricas. O plano temático apresentado não é inaugural, o diferencial é o ponto de observação, a possibilidade de narrar os fatos a partir de sua experiência.

Ao apresentar-se como ex-morador da comunidade por ele musicada, Anderson Santo passa a ser “personagem, ator, agente que se situa naquele mesmo espaço físico, arquitetônico e simbólico de exclusão de que fala” (RESENDE, 2002, p. 158).

Anderson Santo descreve o Taquaril vivido por ele em sua canção, a divisão do bairro por setores “Pouco importa se é no B ou no A / Eu vou a pé ou até de circular”, sua conformação geográfica e a luta por moradia “Só quem mora sabe o que é lutar / Sobe as ladeiras sem reclamar” e ainda faz referência a banda musical mineira que retratou em sua canção o Taquaril como o buraco do Brasil “Há quem disse que o Taquaril é o buraco do Brasil / Desconhece a história de um povo que o construiu”. O sol nascer em cada novo amanhecer é retratado no grafite que fica no muro ao lado da sede do Ponto de Memória. A imagem foi escolhida a partir de uma série de fotos do pôr-do-sol na comunidade e grafitada por artistas locais.

Figura 4 - Grafite no muro ao lado da sede do Ponto de Memória Museu do Taquaril



Fonte: Acervo Ponto de Memória Museu do Taquaril.  
Fonte: Wellington Pedro.

## 6. O Ponto de Memória como possibilidade de registro de outras narrativas

A História e a memória contribuirão na busca de evitar que o ser humano perca referências fundamentais à construção das identidades coletivas, que mesmo sendo identidades sempre em curso, como afirma Santos (1994, p. 127), são esteios fundamentais do auto-reconhecimento do homem como sujeito de sua história. Os pontos de memórias estão presentes onde existem histórias nem sempre vistas pela “alta cultura”, mas que tratam de uma “cultura do alto”, dos morros e aglomerados urbanos que deixam rastros e que produzem memória. Sua importância passa por evidenciar narrativas que não são hegemônicas na história.

O museu será o instrumento de preservação por excelência e um espaço onde essa memória fica acessível. Mesmo que a ideia de museu seja diferente da que estamos comumente habituados. A perspectiva de espaços de memória compreendida pelos pontos de memória ganha dimensões territoriais, como um

museu de percurso onde a própria comunidade é o museu. A memória é apenas uma amarração dos discursos dos museus comunitários, o que está em jogo é a própria ideia de um museu “tradicional” tido como aquele que seu processo museal está voltado para dentro do próprio museu, sendo que os museus em comunidades periféricas compreendem que os processos que envolvem a construção desses arquivos de memória estão também no pensar nas novas formas de se analisar a sociedade de modo geral.

Ao entendermos o papel dos Pontos de Memória como um parceiro e companheiro da comunidade na qual está inserido, em processo constante de construção e, mais que isso, tendo sua criação pautada em um direito à memória e uma vontade política de memória das minorias socialmente excluídas entenderemos também sua ligação com a dinâmica do mundo e o papel dos Pontos de Memória na salvaguarda da nossa memória social.

A comunidade do Taquaril é um espaço de memória e identidade, sobre o qual as pessoas narram suas histórias e vivências, proclamam consciências históricas, alimentam expectativas para um desenvolvimento local mais harmonioso. Os usos dessas memórias demonstram como grupos sociais legitimam suas ações, constituem ou criam identidades e criam mecanismos de resistência aos processos de exclusão, como pode se ver na foto e no poema abaixo:

Figura 5 - Seu Geraldo (morador do Taquaril). Da janela da casa dele, apontando para as casas.



Fonte: Acervo do Ponto de Memória Museu do Taquaril.  
Foto: Wellington Pedro

## Da janela

Da janela, a poesia vive.  
As pessoas andam nas ruas  
A criança no colo da mãe chora,  
O menino sonha com o amanhã  
é tudo uma cadência:  
andar, chorar, sonhar.  
Da janela, o mundo vive.  
Paisagem, miragem, esmeril  
O telefone toca.  
-Alô! Desculpe, foi engano  
Da janela eu vejo a poesia eu vejo o mundo  
Tudo o que eu toco  
Não se transforma em ouro,  
prata, música, mas tudo me toca.  
Da janela o Taquaril me observa  
Da janela eu sou observado por ele.

O Ponto de Memória Museu do Taquaril, por meio da exposição “Fios de memória: tecendo os primeiros passos” propõe a formação de espaços de memórias constituídos pelas vivências dos moradores. A formação desses espaços não repousa apenas na articulação entre vozes que outrora estavam dispersas, mas, igualmente, na estruturação de uma argumentação em favor da existência de um conjunto de identidades pautadas no território como espaço de memória que cobram para esses espaços periféricos um lugar de visibilidade que não mais o da margem, sendo possível tecer novas aproximações entre território, memória, identidade e discurso na perspectiva da margem.

## 7. Considerações finais

A junção entre território e atores sociais apresenta-se como uma forma de reafirmação da identidade inscrita à margem. O espaço marginalizado passa a ser utilizado como referência para o estabelecimento de um discurso centrado na formação das identidades periféricas e das representações da memória como direito e o despertar do seu entendimento como vontade política.

O Ponto de Memória Museu do Taquaril, ao evidenciar olhares da inscrição da história do Taquaril por meio das narrativas dos moradores propicia a criação de um discurso centrado na estruturação de ações sociais, como a própria realização da exposição que busca representar as primeiras histórias da comunidade e que visam ao estabelecimento de uma nova representação das comunidades periféricas. Não são criadas ou reinventadas formas de inclusão, mas, ao contrário, são estabelecidos espaços de aglutinação de vozes que possam delimitar uma forma de representação desse grupo historicamente silenciado.

### **Referências**

- ARREGUY, Cintia Aparecida Chagas; RIBEIRO, Raphael Rajão. Histórias de bairros de Belo Horizonte : Regional Leste. Belo Horizonte: APCBH; ACAP-BH, 2008.
- CONNERTON, Paul. Como as sociedades recordam. Tradução de Maria Manuela Rocha. Oeiras: Celta Editora, 1999.
- HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.
- LE GOFF, Jacques. História e memória. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003.
- NORA, Pierre. Entre memória e História: a problemática dos lugares. Projeto História, São Paulo, n. 10, dez. 1993.
- RICOEUR, Paul. A memória, a história, o esquecimento. Trad. Alain François [et al.] – Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.
- RESENDE, Beatriz. Apontamentos de crítica cultural. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002.
- SANTOS, Boaventura. Pela Mão de Alice: o social e o político na pós modernidade. Lisboa: Edições Afrontamentos, 1994.